

Erica Burman



# Fanon, educação, ação

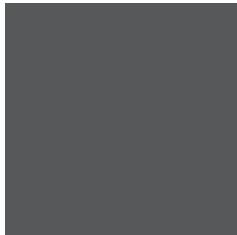
*Criança como método*

R. Takatu & R. Velasco

Blucher



Erica Burman



# Fanon, educação, ação

*Criança como método*

*Apresentação*

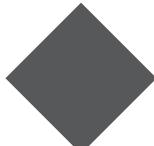
Amana Mattos & Ilana Katz

*Prefácio à edição brasileira*

Emiliano de Camargo David

*Tradução*

Renata Takatu & Rafael Velasco



*Fanon, educação, ação: Criança como método*, Erica Burman

Título original: *Fanon, Education, Action: Child as Method*

Série pequena biblioteca invulgar, coordenada por Paulo Sérgio de Souza Jr.

© 2019 Erica Burman, All Rights Reserved

Authorised translation from the English language edition published by Routledge, a member of the Taylor & Francis Group

© 2025 Editora Edgard Blücher Ltda.

*Publisher* Edgard Blücher

*Editor* Eduardo Blücher

*Coordenador editorial* Rafael Fulanetti

*Coordenadora de produção* Ana Cristina Garcia

*Produção editorial* Luana Negrões

*Revisão técnica* Amana Mattos e Ilana Katz

*Preparação de texto* Maurício Katayama

*Diagramação* Guilherme Salvador

*Revisão de texto* Regiane da Silva Miyashiro

*Capa e projeto gráfico* Leandro Cunha

# Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar  
04531-934 — São Paulo — SP — Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

[contato@blucher.com.br](mailto: contato@blucher.com.br)

[www.blucher.com.br](http://www.blucher.com.br)

Segundo o Novo Acordo Ortográfico,  
conforme 6. ed. do *Vocabulário Ortográfico  
da Língua Portuguesa*, Academia Brasileira de  
Letras, julho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial por  
qualsquer meios sem autorização escrita  
da editora.

Dados Internacionais de Catalogação

na Publicação (CIP)

Heytor Diniz Teixeira, CRB-8/10570

Burman, Erica

*Fanon, educação, ação : Criança como método*  
/ Erica Burman ; tradução de Renata Takatu e Rafael  
Velasco. – São Paulo : Blucher, 2025.

544 p. : il. – (Série pequena biblioteca invulgar /  
coord. Paulo Sérgio de Souza Jr.).

Bibliografia

ISBN 978-85-212-2677-2 (impresso)

ISBN 978-85-212-2678-9 (eletrônico – Epub)

ISBN 978-85-212-2676-5 (eletrônico – PDF)

Revisão técnica feita por: Amana Mattos e Ilana Katz.  
Título original: *Fanon, Education, Action: Child as  
Method*.

1. Psicanálise. 2. Trauma psíquico. 3. Psicanálise e  
infância. 4. Psicanálise e educação. I. Título. II. Série.  
III. Souza Jr, Paulo Sérgio de. IV. Takatu, Renata.  
V. Velasco, Rafael. VI. Mattos, Amana. VII. Katz, Ilana.

CDU 159.964.2

Todos os direitos reservados pela  
Editora Edgard Blücher Ltda.

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanálise

CDU 159.964.2

# Conteúdo

<i>Prefácio à edição inglesa</i>	9
<i>Prefácio à edição brasileira</i>	13
<i>Agradecimentos</i>	23
<i>Agradecimentos à edição brasileira</i>	29
<i>Apresentação: A criança não existe</i>	31
Fanon, educação, ação: rumo a Criança	
como método	45
Criança Idiótica	131
Criança Traumatogênica	207
Criança Terapêutica	289
Criança Extímica	357
Criança como método	437
Posfácio à edição brasileira	497

# Prefácio à edição inglesa

Ian Parker

Frantz Fanon foi um psiquiatra revolucionário da Martinica, tendo se radicalizado após sua experiência com o racismo quando serviu nas forças armadas francesas durante a Segunda Guerra Mundial e, ainda mais, durante seu trabalho no Hospital Psiquiátrico de Blida-Joinville, na Argélia. Ele passou a atuar no Front de Libération Nationale (Frente de Libertação Nacional) em prol da independência diante da França, e escreveu vários textos que são considerados clássicos da inter-relação entre colonialismo e psicologia, sendo os mais famosos os livros *Pele negra, máscaras brancas*<sup>1</sup> e *Os condenados da terra*, com prefácio de Jean-Paul Sartre.<sup>2</sup> Esse último livro foi banido de

---

1 Fanon, F. (1952/2008). *Pele negra, máscaras brancas* (R. da Silveira, trad.). Salvador: Edufba.

2 O prefácio de Sartre aqui mencionado refere-se ao produzido especialmente para a primeira edição, lançada em 1961 na França. No entanto, a obra foi rapidamente recolhida devido à sua proibição pelo governo francês, em virtude do conteúdo crítico ao colonialismo, particularmente no contexto da guerra de independência da

imediato na França. Fanon, como Erica Burman mostra neste livro inovador, elucida as estruturas da subjetividade submetidas às condições do colonialismo e do racismo, condições que persistem até hoje, mas não apenas como um teórico que inspirou intervenções educacionais radicais ao redor do mundo, mas como um escritor que exige ser posto em operação, ser transformado em ação direta contra a exploração e a opressão. E — eis o cerne deste livro — Fanon elucida como a teoria e a prática educacionais giram em torno da figura “da criança”, a criança como uma posição culturalmente configurada na qual e a partir da qual somos capazes de melhor compreender as múltiplas relações sociais em que nós — todos nós que já fomos crianças um dia — nos encontramos e de encontrar uma solução.

Se existe uma pedra angular da disciplina de psicologia além de seu método — geralmente uma pesquisa laboratorial-experimental positivista que visa sobretudo à confirmação do mundo como ele é —, ela está na figura da criança, uma figura que, como este livro revela, se multiplicou em fragmentos caileidoscópicos que se encontram em ação nos escritos de Fanon como “Criança Idiótica”, “Criança Traumatogênica”, “Criança Terapêutica” e “Criança Extímica”. Cada fragmento atua neste livro como uma lente por meio da qual podemos jogar luz sobre a crítica na psicologia, sobre as relações sociais e sobre a prática educacional. Assim como a psicologia tradicional nos educa para aceitar o mundo como ele é, a psicologia crítica com a qual se lida neste livro é uma forma de pedagogia

---

Argélia contra o domínio da França. Cf. Sartre, J.-P. (1961/2022). Prefácio à edição original francesa. In F. Fanon, *Os condenados da terra* (pp. 331-356; L. F. Ferreira & R. S. Campos, trad.). Rio de Janeiro: Zahar [N.T.].

que possibilita, em vez de impedir, diferentes modos de ser humano. Poderíamos, é claro, multiplicar ainda mais essas figuras da criança. Por que não, por exemplo, analisar formas de “crianças mercanciogênicas”, como a que é alvo de publicidade e consumidora por excelência de novas mercadorias, ou “crianças lacrimogênicas”, como a que exemplifica o que há de trágico na condição humana e que, quando sofre, nos incita a também sentir esse sofrimento? Fica evidente que a tarefa deste livro é expandir a figura da criança, mostrar que ela não é o que parece ser e encontrar novos modos de lê-la e, portanto, novos modos de ler Fanon.

Porém, ainda lembrando quão importante sempre é o método como a pedra angular da psicologia e de grande parte da pesquisa educacional, *Fanon, educação, ação: Criança como método* exemplifica não apenas o conteúdo radical de uma nova leitura de Fanon, mas também o modo como se dá essa leitura, que é indicado no subtítulo “Criança como método”. Inspirando-se no conceito de “Ásia como método” de Chen — um disputado e contraditório campo de perspectivas provenientes de uma parte do mundo que se tornou “outra” para os quadros conceituais desenvolvidos nos centros coloniais históricos do Ocidente e frequentemente tidos como certos —, “Criança como método” de Burman transforma a figura da criança em uma ferramenta analítica crítica. Psicólogos e pesquisadores educacionais não sabem de fato o que é uma criança e, quando tentam enquadrá-la em alguma estrutura teórica de sua preferência, algo dela sempre escapa, se liberta. Ela nunca está completamente livre, mas pode falar do processo de libertação, do que é estar simultaneamente dentro de um quadro de

referência ideológico dominante e fora dele, “para além da” psicologia e educação, educando-nos, como fez Fanon, para o papel de fazer resistência ao mundo em vez de se adaptar a ele.

Ian Parker<sup>3</sup>

---

3 Professor honorário de Educação na Universidade de Manchester e codiretor da Discourse Unit.

# Prefácio à edição brasileira

Emiliano de Camargo David

*Olha ele subindo a rua, falei que não era para tanto!  
Não era para tanto? Ele pensa o que? Que pode fazer o que quiser aqui?  
Naquele labirinto de camas e gritos, o furdunço começou pela manhã, a enfermeira com olheiras e que não sorria há exatos 25 anos notou que as camas de pelo menos 11 pacientes estavam vazias.  
O estalo da bandeja de inox no chão e o voo dos comprimidos ecoou pelos corredores e alertou o outro funcionário de 2 metros que só foi contratado por sua força e cochilava na entrada do pavilhão. Com passos pesados e as mesmas olheiras correu para acudir a enfermeira. E como se não acreditasse arregalou os olhos procurando os pacientes. Teve que olhar mais uma vez, aqueles quartos enormes com camas alinhadas perfeitamente, os lençóis amarelados de baba e mijo, as paredes cinzas com marcas de unhas desesperadas por muitas vezes camuflava os pacientes, as janelas apesar de enormes com vidros mal limpos impedia a entrada da luz.  
Os comprimidos coloridos embotavam de química e lágrima o olho sem vida, fazia tremer e não era de frio, mudava a expressão, a boca sempre mole escorria saliva de dor.  
Os gritos e lágrimas naquele cemitério dos vivos não causavam reação, os choques e torturas eram observados com uma caneca de café amargo adoçado com empáfia. E a cuidadora velha que acompanhava o paciente até a sala dos experimentos não sentia mais.*

O lugar era sombrio e ninguém absolutamente ninguém se importava. Tudo corria como o esperado, era medicação, três refeições de arroz, barata e feijão seco, injeções, camisa de força e muito choque se for preto não tem nome e nem lugar e como foi provado pela alta cúpula da medicina europeia, tem apenas parte do cérebro de um branco. É certo estamos na Argélia é certo que tudo foi colonizado é certo que tudo que vocês sabiam há gerações não vale mais. Trouxemos a luz, e provamos que vocês talvez nem sejam gente... talvez dizia o médico de branco e seus estagiários pedantes.

O espanto estava no sumiço dos pacientes. Alguns suspeitavam: Isso é coisa daquele é pre..... aquele que quer mudar tudo por aqui, semana passada ele disse que era errado dar anticoncepcional para as mulheres. Falou que o cigarro tinha que ser liberado. Imagina a bagunça? Bateu na mesa e esbravejando com aquele olhar selvagem, aliás alguém aqui conhece algum médico é... pre...? Então eu nunca vi vai ver nem médico é.... continuando os pacientes sempre ficaram deitados no chão, pra que cortar cabelo de paciente gente? Mais um estrondo dessa vez a porta batendo é o diretor do sanatório, com a voz calma e agressiva pergunta: onde estão os 11 pacientes? Um misto de alegria e indignação tomava conta do seu olhar. Tô puto mais estou feliz. Era a brecha que o diretor precisava: Vamos avisar as autoridades isso é coisa daquele... pre... daquele médico. Onde ele está? Certo que não está no consultório, que nem é o lugar dele. Não fiquem calados onde ele está? A enfermeira que notou a ausência gaguejou não vi ele hoje não, enquanto esboçava um movimento na boca que não lembrava como era sorrir. Alô preciso falar com o superintendente, com um charuto na boca gozava o diretor.

Não foram mais que 20 minutos chegaram polícia, governador que jamais tinha pisado naquelas paragens e desviara o dinheiro da alimentação para os estudos do Pedro. O superintendente suado e afobado e um jornalista oficial. Todos parados nas escadarias de mármore devidamente lustradas.

E mais um grito: Olha ele lá... ao longe subia a ladeira o médico negro com o corpo cheio de lama, atrás dele os 11 pacientes também enlameados.

*O médico havia marcado um jogo de futebol contra o time da cidade.  
Voltavam exaustos com brilho nos olhos que cegou mais que  
o flash do jornalista que eternizava a alegria.<sup>1</sup>*  
(Roberta Pereira, 2020)

A obra *Fanon, educação, ação: Criança como método* chega ao Brasil em tempo absolutamente preciso, devido à proeminência do adultocentrismo que se agudiza nos mais diversos campos do espectro político, social e, por conseguinte, subjetivo. O adultismo, que tem se espraiado com toda sua essência e poderio normativo e colonializante, não ocorre de maneira descircunstanciada, pelo contrário, o apelo neoliberal forjado e sustentado no conservantismo heteropatriarcal/masculinista segue a tendência de grande parcela do cenário geopolítico contemporâneo, que insiste — de modo tutelar — em investir seus recursos em forças bélicas, genocidas, desmatadoras, poluentes, farmacológicas, entre outros modos de degradação (suicidária) humana e socioambiental.

À vista disso, Achille Mbembe<sup>2</sup> analisou os distintos tempos do capitalismo e reconheceu que a colonialidade e o racismo

---

1 Conto livre de Roberta Pereira, inspirado no seguinte trecho de Geismar citado por Faustino: “Certo dia, *Monsieur Kriff* percebe a ausência de pacientes na unidade de Fanon. Sem titubear, telefona para o prefeito da cidade denunciando a fuga de pacientes e a suposta negligência de Fanon que, àquela altura, também não se encontrava no hospital. Algumas horas depois, Fanon aparece com todos os pacientes outrora ausentes vibrando de alegria, porque o Doutor os havia levado para uma partida de futebol e eles ganharam o jogo”. Cf. respectivamente: Pereira, R. (ago. 2020). *A loucura do futebol e a rebeldia de Frantz Fannon*. Disponível em: <<https://observatorioracialfutebol.com.br/a-loucura-do-futebol-e-a-rebeldia-de-frantz-fannon/>>; Geismar, P. (1973). *Frantz Fanon: A Critical Study*. London: Wildwood Hause, p. 74; Faustino, D. M. (2018). *Franz Fanon: um revolucionário, particularmente negro*. São Paulo: Ciclo Contínuo, p. 70.

2 Mbembe, A. (2018). *Crítica da razão negra* (S. Nascimento, trad.). São Paulo: n-1 Edições.

foram/são basais para a implementação e a manutenção desse(s) sistema(s) em seus diferentes tempos e formatos.

Tanto Frantz Fanon quanto Erica Burman compreenderam, com obstinação, que quando a ideia de criança fica extirpada — fora da ordem social — a colonialidade tem maior espaço/facilidade para seu curso. Desdobrando-se naquilo que a autora chamou de Criança Idiótica e exigindo descolonialmente o que nomeou Criança Extímica. Não irei me ater profundamente a cada conceito (até porque o/a leitor/a irá encontrá-los amplamente desenvolvidos no decorrer dos capítulos do livro), mas faço rápida referência. Se Criança Idiótica remete à criança separada, afastada do laço social pela colonialidade, esse modo de separação/afastamento também pode operar através de crianças subjetivadas pela/na branquitude.<sup>3</sup> Neste caso, a Criança Traumatogênica, aquela agente do racismo, é quem opera a injúria colonial, promovendo (muitas vezes) a experiência/encontro que subsidia o trauma sociopolítico — um dos possíveis efeitos psicossociais do racismo.

Entretanto, Burman, em seu diálogo com Fanon, propõe Criança Extímica, criticidade conceitual que permite ultrapassar o binarismo infantilização/adultização, localizando a figuração da criança no entre (tanto dentro quanto fora) do

---

3 Segundo Bento e Schucman, branquitude — identidade racial branca — trata-se de um lugar (existencial e político) de privilégios materiais e simbólicos direcionados às pessoas brancas, ancorados em pseudociências que desde o século XIX afirmavam uma suposta superioridade racial branca perante os demais grupos racialmente construídos. Cf. Bento, M. A. S. (2002). *Branqueamento e branquitude no Brasil*. In I. Carone & M. A. S. Bento (org.). *Psicologia social do racismo: estudos sobre a branquitude e branqueamento no Brasil* (pp. 25-58). Rio de Janeiro: Vozes; Schucman, L. V. (2014). *Entre o encardido, o branco e o branquíssimo: branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo*. São Paulo: Annablume.

social, admitindo então perspectiva interseccional e decolonial em Criança como método.

Esta interessantíssima posição que o encontro de Burman com Fanon permite desvelar, *Criança extímica*, confirma a criança como sujeito ativo de Relação na Diferença, como aquela que protagoniza inter e intra-ações. Para tanto, a autora recorreu à conceituação lacaniana da banda de Moebius/fita de Möbius para a representação dessa dinâmica, tanto de dentro quanto fora.

Aqui, permito-me aproximar essa compreensão daquilo que, em intenção parente, tem sido chamado por uma gama de intelectuais da afrodiáspora (Beatriz Nascimento,<sup>4</sup> Paul Gilroy,<sup>5</sup> Kim Butler e Petrônio Domingues<sup>6</sup>) de Atlântico Negro, esse espaço *entre* (dentro-fora/fora-dentro) que permite diversos cruzamentos, provocando singulares processos de subjetivação descolonial.

[Gilroy] reconhece a meta de um Atlântico Sul Negro e lembra que para isso devemos levar a cabo o que Édouard Glissant conceituou como Relação. Para o ensaísta, Relação é a possibilidade de mover-se da estabelecida/fixa posição do “sou” para a fluida e temporária posição do “sendo”. Esse reposicionamento forja processos de subjetivação que nos afastam da

---

4 Nascimento, M. B. (1989/2018). Transcrição do documentário Orí. In M. B. Nascimento, *Beatriz Nascimento, quilombola e intelectual: Possibilidade nos dias da destruição*. São Paulo: Editora Filhos da África.

5 Gilroy, P. (2012). *O Atlântico negro: Modernidade e dupla consciência* (C. K. Moreira, trad.). São Paulo/Rio de Janeiro: Editora 34/Universidade Cândido Mendes.

6 Butler, K. D. & Domingues, P. (2020). *Diásporas imaginadas: Atlântico Negro e histórias afro-brasileiras*. São Paulo: Perspectiva.

perspectiva colonial do conquistador para a perspectiva descolonial de conhecer.<sup>7</sup>

Diante do exposto e perante a tarefa crítica frente à adultização colonial, convido o/a leitor/a, por meio deste prefácio, ao desnorteamento: afirmação da loucura, da negritude, da criança, adolescência, do *queer* — uma vez que essas afirmações favorecem a desabilitação do caráter tutelar, normativo e racista que a adultização colonial concentra.<sup>8</sup>

Considero descolonial reconhecer em Frantz Fanon esse presente exercício, afinal, poder identificar a criança que persiste (nas ideias) de homens negros, médicos, intelectuais do sul global e, por fim, militantes da libertação me parece revolucionário por si só. Os achados sobre infância na obra de Fanon permitem-nos abranger a potência crítica não apenas em sua teoria, mas em sua práxis, postura ética, clínica e política.

Nesse seguimento, o encontro entre Burman e Fanon é atlântico! Por isso, como bem apontou o professor Deivison Faustino,<sup>9</sup> a disputa em torno de Frantz Fanon (e dos fanonismos) não deve fixá-lo. Então, lembremos que encontrar criança na obra do martinicano radicado na Argélia, absolutamente, não pode configurar romantização; isso extirparia o caráter revolucionário de sua obra e da sua posição ético-política. Burman, neste livro, nos alerta para esse risco.

---

7 David, E. de C. (2024). *Saúde mental e relações raciais*. São Paulo: Perspectiva, p. 71.

8 David, E. de C. (2024). *Saúde mental e relações raciais*. São Paulo: Perspectiva.

9 Faustino, D. M. (2020). *A disputa em torno de Frantz Fanon: a teoria e a política dos fanonismos contemporâneos*. São Paulo: Intermeios.

Reconhecer que Fanon estava implicado com a análise e produções das/nas crianças permite-nos captar aquilo que Alice Cherki<sup>10</sup> ressalta do autor, sua inquietude, dissabor, insatisfação e irritabilidade perante o que considerava estupidez produtora de violência banal.

Por fim, a psicanalista Priscilla Santos de Souza destaca de Fanon, através da biografia de Cherki, o aspecto basilar dos processos criativos das crianças, apreensível na forma como “[Fanon] expressou suas ideias e na maneira pela qual ditava os artigos e livros, sem rascunho, como quem tem pressa e não se poupa”.<sup>11</sup> A psicanalista também ecoou de Cherki a voracidade fanoniana, que podemos escutar “em suas palavras, em sua escrita, em seus posicionamentos, nas ações e projetos, os concretizados e os que não foram realizados”.<sup>12</sup> Tais posições (voraz e empenhada) de Fanon nos fazem lembrar dois dos três aspectos que o poema de Paulo Leminski destaca, que podemos aprender com as crianças: “nunca ficar inativo e chorar com força por tudo o que se quer”.<sup>13</sup>

---

10 Cherki, A. (2000/2022). *Frantz Fanon: um retrato* (R. Patriota, trad.). São Paulo: Perspectiva.

11 Souza, P. S de. (2000/2020). Retratos: fragmentos de uma transmissão revolucionária. In A. Cherki. *Frantz Fanon: um retrato* (R. Patriota, trad.). São Paulo: Perspectiva, p. 19.

12 Souza, P. S de. (2000/2020). Retratos: fragmentos de uma transmissão revolucionária. In A. Cherki. *Frantz Fanon: um retrato* (R. Patriota, trad.). São Paulo: Perspectiva, p. 19.

13 Leminski, P. (2013). Poemas que escolhi para as crianças. In R. Rocha (org.). *Antologia de poemas para as crianças*. São Paulo: Salamandra, p. 116.

Essa força e atividade pelo que se quer, no caso de Fanon e Burman, é desejo pela superação da colonialidade, do racismo e de outras formas de opressão e desigualdade. Todavia, se a autora assevera que não é necessário Criança como método para ler Fanon, sua obra permite uma posição subjetiva criançável<sup>14</sup> entre leitores/as e Frantz Fanon, afinal uma das pistas para sustentação do criançável em Vicentin é que “nenhuma criança ou adolescente pode crescer sustentado pela intolerância, assim como não podem desenvolver-se numa sociedade inerte diante de seus problemas”<sup>15</sup>.

O que nos leva ao conto que deu início a este prefácio. Nele, o psiquiatra recorre ao jogo/ao brincar e o fazer com! Colocando-se lateralizado a pacientes/usuárias e usuários do serviço hospitalar, o médico do hospital que não pactua com o enquadramento tutelar e normativo, rompendo com a psiquiatria colonial: manicolonialidade<sup>16</sup> que o Estado adultocêntrico lhe presumia.

Que possamos, junto da obra que a editora Blucher traz aos leitores e leitoras brasileiros/as, nos antimanicolonializar,<sup>17</sup> sustentando o criançável fanoniano em nossa práxis clínico-política libertária, para que possamos romper as distintas formas

---

14 Vicentin, M. C. (2016). Criançar o descriançável. In *Cadernos de Debates do NAAPA*. São Paulo: Secretaria Municipal de Educação.

15 Vicentin, M. C. (2016). Criançar o descriançável. In *Cadernos de Debates do NAAPA*. São Paulo: Secretaria Municipal de Educação, p. 40.

16 David, E. de C. (2024). *Saúde mental e relações raciais*. São Paulo: Perspectiva.

17 David, E. de C. (2024). *Saúde mental e relações raciais*. São Paulo: Perspectiva.

de controle, tutela e dominação colonial que visam governar aquilo que as crianças e adolescentes produzem.

Emiliano de Camargo David<sup>18</sup>  
Verão (Carnaval — Quarta-feira de Cinzas),  
Rio de Janeiro, 5 de março de 2025.

---

18 Psicólogo e psicanalista, professor adjunto do Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IP/Uerj). Integra o AMMA Psique e Negritude — Centro de Pesquisa, Formação e Referência em Relações Raciais. É autor dos livros *Saúde mental e relações raciais* (Editora Perspectiva) e *Aquilombamento da saúde mental* (Editora Hucitec).

# Agradecimentos

Para formar uma pessoa, é preciso um grupo, e um livro de autoria individual não é exceção. Tenho o privilégio de ter recebido apoio e inspiração de muitas pessoas e de vários encontros e redes importantes, como a Sociedade Internacional de Psicologia Teórica (ISTP, na sigla em inglês) — fundada há mais de três décadas por Hank Stam e Lorraine Radtke — e a conferência “Marxism & Psychology” [“Marxismo e Psicologia”] em Morelia, México, em 2012, ao passo que meus primeiros esforços para escrever sobre Fanon foram apresentados nas aulas públicas de Sarah Fielden, organizadas pelo Instituto de Educação da Universidade de Manchester, a primeira como minha aula inaugural enquanto professora na instituição. Sou especialmente grata a Karin Lesnik-Oberstein pelo convite para ministrar a 30<sup>a</sup> Palestra Anual “Tony Watkins” no Departamento de Língua Inglesa da Universidade de Reading, onde a equipe e os alunos do mestrado em Literatura Infantil ofereceram comentários realmente úteis. Ela, ao lado de Daniela Caselli e Jackie Stacey, há muito tempo me ajudam a conectar

as preocupações acerca da educação, da psicologia e da psicanálise com as políticas queer e de gênero na infância, ao passo que Jane Callaghan, Rose Capdevila, Karen Ciclitira, Gill Craig, Marcia Worall e Lindsay O'Dell, além de outras amigas da Seção de Psicologia da Mulher da Sociedade Britânica de Psicologia, têm ajudado a manter a vigilância feminista.

Meus agradecimentos também vão a Marko Salonen, cujo convite para falar na conferência “*Encountering Otherness*” [“Encontrando com a alteridade”], do Congresso Anual da Sociedade Finlandesa de Psicologia Social de 2016, na Universidade de Tampere, me motivou a escrever a primeira versão do que é o Capítulo 2 deste livro, ao passo que o convite para apresentar a palestra principal na 30<sup>a</sup> conferência da ISTP me impulsionou a escrever a versão inicial do que agora é o Capítulo 4, e sou especialmente grata a Karen Malone pelo entusiasmo e apoio de sua análise. Trabalhar com colegas na e da Índia, Coreia do Sul, Taiwan, Filipinas e, especialmente, África do Sul — onde fui professora convidada na Universidade de Witwatersrand — sensibilizou-me particularmente aos legados coloniais e às realidades atuais e, em grande medida, moldou meu raciocínio ao longo dos anos, bem como com camaradas da América do Sul, no Brasil, Chile, Colômbia, México, Porto Rico, Venezuela e também com colegas europeus de longa data, especialmente na Grécia, Itália, Malta, Portugal, Sérvia, Eslovênia e Espanha. Como Tomás Ibañez disse tantos anos atrás, há muitos nortes e suis dentro do Norte e do Sul, e tal dinâmica existe tanto dentro da Europa como entre a Europa e o assim chamado Resto.

As versões iniciais desses capítulos beneficiaram-se de apresentações e revisões realizadas enquanto fui professora

adjunta (0.2) na Escola Superior de Ciências Aplicadas de Oslo e Akershus (atual Universidade Metropolitana de Oslo), e sou especialmente grata ao apoio e amizade de Oddbjørg Skjær Ulvik, Liv-Mette Gulbrandsen, Mike Seltzer e Agnes Andeneas ao longo do que já são muitas décadas, junto com antigos e novos colegas dinamarqueses de estudos da infância. A rede do projeto Decolonising Early Childhood Education [Descolonizando a Educação da Primeira Infância] da Fundação Nacional de Pesquisa (NRF), organizada na Cidade do Cabo, África do Sul, foi um referencial útil, tanto virtual quanto imaginário, durante a preparação deste trabalho, ao passo que vários amigos psicólogos, educadores e psicoterapeutas da Austrália e Nova Zelândia indicaram, ao longo dos anos, as várias formas pelas quais as histórias e os legados coloniais permeiam a vida cotidiana, junto com as dinâmicas transnacionais mais recentes, incluindo o que pode significar um compromisso descolonial.

Todas essas pessoas, de várias maneiras, ajudaram a delinear e corroborar minha percepção quanto à relevância dos escritos de Fanon, junto com a atenção às modalidades, economias políticas e psíquicas da infância. Por refletir a destilação de muitos anos de troca e diálogo, a lista é longa. Portanto, agradeço também a: Asha Achuthan, Husain Al-Hakami, Pam Alldred, Atsuko Aono, Fernando Alvarez Urio Rico, Sarada Balagopalan, Hannah Berry, Barbara Biglia, Jill Bradbury, Teresa Cabrujo, Hernan Camilo Pulido-Martinez, Narcisa Canilao, Khatidja Chantler, Lise Claiborne, Jude Clark, Eyal Clyne, Tom D'Arcy, Gail Davidge, Carla de Santis, Wendy Drewery, Keith Ferguson, Heidi Figueroa Sarriera, Flor Gamboa, Genie Georgaca, Charo González, Shaun Grech, Fernando González Rey, Angel Gordo

López, Daniel Goulart, Anat Greenstein, Raquel Guzzo, Philomena Harrison, Lin Hsing, TungHung Ho, Yasuhiro Igarashi, Gregorio Iglesias, Rubina Jasani, Nick Jeffs, Bernardo Jiminez, Gordana Jovanovic, Manasi Kumar, Pushpam Kumar, Nadir Lara Junior, Ian Law, Ana-Cristina Lenz Dunker, Christian Lenz Dunker, Manuel Llorenz, Ken McLaughlin, Amana Mattos, Susie Miles, Zsuzsa Millei, China Mills, Marisela Montenegro, John Morss, Pauline Mottram, Ilana Mountian, Suryia Nayak, Maria Nichterlein, Conceição Nogueira, Desmond Painter, Ingrid Palmary, David Pavón-Cuéllar, Monica Peña, Isabel Piper, Joan Pujal, Rachel Robbins, Annette Rimmer, Tania Rocha Sanchez, Miguel Roselló, Euclides Sanchez, Nuno Santos Carneiro, Susana Seidman, Sabah Siddiqui, Hans Skott-Myhre, Kathy Skott-Myhre, Sonia Soans, Helen Spandler, Jemma Tosh, Julia Varela, Sam Warner, Esther Wiesenfeld, Alexandra Zavos e Luting Zhou.

Ademais, colegas e alunos de doutorado, inclusive os que estão cursando “Social theories of learning” [“Teorias sociais da aprendizagem”] e conduzindo algumas análises um tanto indisciplinadas em “Discourse unplugged” [“Discurso desplugged”], bem como colegas do subgrupo Knowledge, Power and Identity [Saber, Poder e Identidade] no grupo de pesquisa Education and Psychologies [Educação e Psicologias] e nos grupos de leitura de Estudos Pós-Coloniais, frequentemente me ajudaram a enxergar por novos ângulos e me indicaram recursos úteis. E, sobretudo, quero expressar meu reconhecimento pelo incansável apoio intelectual, emocional e — não menos importante — prático que Ian Parker deu a este livro, que me manteve firme durante as várias etapas de sua preparação.

Os agradecimentos finais vão para Laura Booth, por sua atenta revisão de texto, para Lewis Derrick, pela meticulosa indexação (mais uma vez!), para Eleanor Reed e Lucy Kennedy, da Taylor & Francis, por seu contínuo entusiasmo e apoio ao meu trabalho, e para Martina Street, por prestar os primeiros socorros na revisão. Obrigada.

Erica Burman  
Janeiro de 2018

# **Agradecimentos à edição brasileira**

Esta edição não teria sido possível sem a dedicação, o comprometimento e o entusiasmo de Ilana Katz e Amana Mattos, a quem devo enorme gratidão pela perseverança em fazer com que ela acontecesse. Fico muito feliz que essas duas colegas e pesquisadoras tenham se encontrado em Manchester por meio da rede e da conferência Child as method, organizada por Luan Cassal e Artemis Christinaki em 2023, cuja parceria e cujo trabalho conjunto acerca do tema inspiraram tantas outras ideias e projetos. O apoio e o engajamento de longa data de Christian Lenz Dunker e Ana Cristina Dunker também motivaram e possibilitaram muitos desses contatos e engajamentos. Além do adicional apoio tradutório e editorial de Ilana, Amana e também, anteriormente, Luan, houve o trabalho de Renata Takatu, Rafael Velasco e Paulo Sérgio de Souza Jr., que realmente me impressionaram com o rigor, a atenção aos detalhes e uma sensível interpretação. O meu muito obrigada a vocês. No trabalho com análise do discurso, sempre dissemos que a tradução é uma metodologia vital de leitura e análise.

E, é claro, também impossível. Mas essas impossibilidades são frutíferas, expondo tensões e atritos entre línguas e culturas, além de novas possibilidades interpretativas. Estou muitíssimo ansiosa para, agora, aprendermos mais com esta edição em português brasileiro.

# Apresentação: A criança não existe

Amana Mattos & Ilana Katz

*Fanon, educação, ação: Criança como método*, que agora chega ao público brasileiro, é o primeiro livro de autoria de Erica Burman a ser traduzido na íntegra para o português no país. Autora de uma extensa obra de referência no campo dos estudos da infância, Burman tem se dedicado a discussões teóricas e epistemológicas no campo dos feminismos, da crítica à psicologia do desenvolvimento e ao neoliberalismo nas ciências humanas, às discussões sobre o lugar das infâncias no pensamento geopolítico e, mais recentemente, à pactuação epistêmica que propõe em *Criança como método*. Seus trabalhos dialogam com referenciais clássicos e contemporâneos, como a análise do discurso, os feminismos interseccionais, as teorias descoloniais, os estudos das relações raciais, a psicanálise e os estudos pós-estruturalistas. Poucos deles estão acessíveis em traduções para o português no Brasil, o que, a nosso ver, dificulta o encontro potente entre o pensamento de Burman e a produção brasileira no campo das infâncias.

Em interlocução que vem se consolidando com a autora há mais de dez anos, identificamos as muitas linhas de articulação entre os trabalhos críticos que se desenvolvem no Brasil e as discussões elaboradas por Burman em seu percurso. A escolha por este livro como primeiro a ser traduzido deu-se por algumas razões: além de ser sua publicação mais recente no momento em que iniciamos as conversas sobre a tradução, pareceu-nos oportuno que contemplasse o seu primeiro livro a colocar em prática e esmiuçar Criança como método. Aqui, ela o faz tomando a obra de Frantz Fanon, autor que tem merecidamente ganhado destaque no Brasil no campo das relações raciais, das ciências humanas e psicanálise, inclusive com a publicação de seus trabalhos em edições brasileiras recentes. A escolha por esse título de Burman para a tradução, portanto, pareceu-nos evidente: ela explicita neste livro que Fanon pode e deve ser lido como um autor decisivo para pensar raça, colonialidade, luta antimanicomial e, também, infâncias.

Em sua pesquisa ativista e, especialmente, em Criança como método, Burman recusa modelos deficitários de infância e insiste na necessidade de avançar contra a compreensão de infância como entidade monolítica a ser salva, restaurada e protegida. A autora demonstra como essas concepções, ao assediarem as experiências das infâncias, performam subjetividades.<sup>1</sup> Para sustentar essa concepção e, destacadamente, para discutir a ideia de Criança presente no pensamento de Fanon, Burman propõe que entendamos Criança “como uma figuração ou

---

<sup>1</sup> Millei, Z. & Burman, E. (2025). ‘Goodbye, Lenin!’: Exploring Cold War childhood memories and knowledge production with Child as Method. *Annual Review of Critical Psychology*, 20. Disponível em: <<https://discourseunit.com/arcp-20-child-as-method-in-movement-work-action-subject-2025/>>.

tropo; a infância, como uma categoria ou condição social; e as crianças, como entidades vivas e corporificadas que as habitam” (p. 437). Assim, as palavras “criança”, “crianças”, “Criança”, “infância”, “infâncias” aparecem no texto demarcando usos e funções específicos, que buscamos preservar e traduzir nesta versão brasileira em diálogo com as proposições da autora. Vejamos, sucintamente, como Burman propõe Criança como método para, em seguida, justificarmos as escolhas feitas pela tradução e revisão técnica neste texto.

Ao situar infâncias em suas condições espaço-materiais, a autora recusa a essencialização da criança e dá um passo além: expõe a constituição mútua das gerações em articulação com outras categorias sociais. É nesse sentido que formula a tese, para nós central, de que criança e infância são categorias geopolíticas. Em suas reflexões e proposições, crianças são percebidas de forma relacional, ou seja, em interdependência com outros sujeitos e posições institucionais (familiares, cuidadores, profissionais de saúde, professores, escolas etc.) que estruturam seu lugar no laço social.

Com esse entendimento e, neste livro, para ler Fanon, ampliando sua incidência interpretativa no laço social, Criança como método toma Criança como uma posição interpretativa ou narrativa a partir da qual é possível constelar leituras sobre os discursos dos quais ela participa e é também, e fundamentalmente, considerada “como objeto de estudo que permite elaborar modos de injustiça — os praticados contra crianças, mas também os praticados em nome das crianças, assim, desnaturalizando essas injustiças”<sup>2</sup>.

---

2 Burman, E. (jul. 2023). Child as method and/as childism: conceptual-political intersections and tensions. *Children & Society: The International Journal of Childhood and Children's Services*, 37(Special Issue: Childism), pp. 1021-1036.

Para alcançar essa perspectiva antinormativa na abordagem, a estrutura discursiva do texto conta. Assim, a autora, que também é analista do discurso, lança mão de modalizações: ao eliminar o artigo antes de escrever criança (*“the” child*/*“a”* criança), pretendeu marcar a não essencialização de criança nas experiências discursivas analisadas. Acompanhamos essa formulação para compreender que a essencialização da criança vai ao encontro de sua universalização e se opõe à experiência de crianças e de infâncias como categoria social, o que, por consequência, impede a leitura de Criança como um tropo capaz de interpretar os discursos dos quais participa. Assim, nesta tradução, quando grafada com inicial em maiúscula, Criança indica uma figuração (ou tropo, imagem) de criança produzida nos discursos e nas práticas, de maneira consciente ou não. Neste livro, a autora propõe quatro figurações de Criança: Idiótica, Terapêutica, Traumatogênica e Extímica, que podem ser exploradas com Fanon desde sua obra. Quando grafada em minúsculas, refere-se a criança/s e infância/s sem recorrer a uma universalização de seu sentido — universalização que é invariavelmente carregada de colonialidade e eurocentrismo, como discute Burman ao longo de sua obra. A elisão do artigo *“the”* antes de *child*, no inglês, é disruptiva e produz um estranhamento intencional na escrita. Em português, esse efeito é potencializado, uma vez que a norma culta pressupõe o uso do artigo antes do substantivo, via de regra. Na revisão técnica da tradução e em diálogo profícuo com a autora, sustentamos essa elisão. Mesmo que sob o risco de produzir ruídos no texto, entendemos que acompanha a torção epistemológica proposta por Burman. Estranhar a pressuposição de uma criança universal, também na forma do texto, é uma tarefa mais desafiadora do que poderia parecer.

Ainda em relação ao tensionamento dos universais, um desafio a mais que se colocou nesta revisão técnica foi como evitar a primazia do gênero universal masculino na tradução do inglês para o português sem dificultar a leitura, já que no português a generificação dos substantivos é muito mais presente e evidente do que no inglês. Optamos, assim, pelo uso de termos neutros sempre que possível (pessoas, pacientes, estudantes, profissionais...). Em outros momentos, flexionamos os termos no feminino e no masculino (as leitoras e os leitores; as cidadãs e os cidadãos). Essa escolha foi pensada em diálogo com a autora e com o editor, para manter a coerência com a discussão proposta e sua fundamentação nos estudos feministas interseccionais. Um elemento desse processo que vale ressaltar é que criança, em português, é um substantivo feminino, o que produz no texto efeitos interessantes (que não estão presentes no original em inglês, inclusive).

Na mesma direção, a referência a quem exerce a parentalidade, “os pais”, em português, traz a marcação de gênero que na escrita em inglês, *the parents*, fica apagada. Para enfrentar essa outra problemática e sustentar no texto a abertura necessária à experiência contra-hegemônica da criação de crianças nos diferentes modos possíveis ao seu acontecimento, a tradução se faz acompanhar das expressões “cuidadores e cuidadoras principais”, “familiares” ou “parentalidade”, escolhidas em relação ao contexto discutido pela autora. Ainda no âmbito da criação de crianças, a autora escreve *(m)other* para, de forma perspicaz, encontrar na grafia do termo o caráter da alteridade constituinte das relações inaugurais — o que não encontra correspondente no português. As formas possíveis de fazer o neologismo funcionar em nossa língua reduzem a maternidade à condição da genitora,

por exemplo, no interessante exercício que *genito(ut)ra* poderia escrever. Por essa razão, retomamos aqui também as escolhas já referidas e, em alguns casos, “mãe” foi usado para circunstanciar uma específica relação primordial de cuidado com uma mulher que, para se engajar nesse exercício, não se inscreva nem necessariamente cis nem necessariamente como genitora.

O termo em inglês *disability* foi traduzido no Brasil como deficiência, e, referido ao campo que conhecemos como estudos da deficiência, tanto situa a deficiência como um marcador social da opressão (assim como reconhecemos que classe, raça, gênero e sexualidade o são) quanto aponta para a condição de deficiência experienciada por pessoas que, no encontro de seu corpo com as barreiras sociais, têm sua participação social impedida. Acompanhando o compromisso da autora com esse debate, notamos que, no léxico corrente da língua inglesa, a palavra *disability* permite o jogo que a autora opera ao escrever *(dis)ability* para situar a ideia de que a capacidade de participação social é também produzida socialmente. Em português, porém, a escrita de (d)eficiência, ao destacar a ideia de eficiência, faz retornar a capacidade de participação social à competência biológica de corpos que não respondem aos ideais normatizados, e, por essa razão, optamos por sustentar a escrita da deficiência sem oposicionar sua ocorrência a qualquer ideia individualizada de eficiência. Em outras passagens do texto, e ainda no campo dessa discussão, optamos por manter o tensionamento presente entre os termos capacidade/descapacidade que a tradução da mesma palavra por incapacidade apagaria.

No que diz respeito ao “como método” que acompanha Criança, recuperamos Burman:

Criança como método vale-se dessas discussões como uma intervenção conceitual para viabilizar a proposição de perguntas mais interessantes e que melhor contemplam as complexidades, diversidades e fluidez político-culturais das posições e vidas de crianças. Assim como a “teoria do sul”, ela é menos um “método” que um conjunto de compromissos epistemológicos, ou mesmo um manifesto, para gerar novas agendas de pesquisa. (p. 464)

O termo “método”, salientamos, não trata de um protocolo técnico porque não se refere a um conjunto de procedimentos ou a uma ordenação de fazeres. É uma pactuação epistêmica, “um compromisso epistemológico” que convoca desenhos específicos de pesquisa, foco e análise: ao entender criança como elemento-chave de vários discursos de desenvolvimento, propõe-se como estrutura analítica que toma criança como um ponto nodal, uma chave diagnóstica dos discursos dos quais participa como presença, ou como ausência. Esse conjunto de práticas, relações sociais e arranjos institucionais será interpretado e discutido através das referências e do lugar que se reserva (ou não) para criança — que, desde essa perspectiva, é tomada como seu objeto analítico crítico.

Inspirada por e em diálogo com *Fronteira como método*<sup>3</sup> e *Ásia como método*,<sup>4</sup> a ideia de “como método” opera na contramão do que o capitalismo tardio propõe e cumpre a função de resistir à individualização e à psicologização de problemas

---

3 Mezzadra, S. & Neilson, B. (2013) *Border as method, or, The multiplication of labor*. Durham/London: Duke University Press.

4 Chen, K.-H. (2010). *Asia as method: Toward deimperialization*. Durham: Duke University Press.

sociais mais amplos. Em colaboração recíproca, as três abordagens, inclusive, permitem à autora lidar com o léxico dominante do desenvolvimento individual que assedia as formulações no campo das infâncias. Destaca-se, nessa articulação entre as três abordagens, o que a autora nomeou como “metáforas quase geográficas” — que abordam o desenvolvimento das crianças com as imagens de jornada, migração e transição entre fronteiras — para denunciar a naturalização e a consequente abstração das condições sociopolíticas que as configuram como norma e como padrão. Nesse sentido, a influência dos estudos des-coloniais salienta a aliança dessa proposição com as pesquisas ativistas,<sup>5</sup> uma vez que a pesquisa é compreendida como um conjunto de práticas socialmente negociadas, estabelecidas e produzidas em solidariedade com os grupos sociais excluídos e oprimidos que pretende abordar.

Criança como método é uma agenda política. Seu objetivo de produzir mudança sustenta-se na pactuação de compromissos epistemológicos que possibilitam a formulação de perspectivas de análise e conceitualizações que visibilizem e reverberem a voz das pessoas afetadas pelas experiências que pretende abordar. Para isso, Burman sustenta que as interseções entre política, economia e dinâmicas geopolíticas (globais e locais) devem ser entendidas como parte de um projeto descolonial, antipatriarcal e anticapitalista no qual crianças aparecem mais do que como imagens teóricas ou de políticas públicas. Ao longo do texto, leitoras e leitores vão perceber, a autora sustenta de

---

5 Xavier, G. & Mattos, A. (2016). Activist research and the production of non-hegemonic knowledges: Challenges for intersectional feminism. *Feminist Theory*, 17(2), pp. 239-245.

muitas maneiras a ideia de que crianças habitam a categoria da infância conforme esta é organizada dentro de condições sócio-históricas e políticas específicas e contingentes. É nesse sentido que, acompanhando Burman e parafraseando Lacan, poderíamos dizer que “A criança não existe”.

Quando pensamos o Brasil pela perspectiva aberta por Criança como método, identificamos uma série de lacunas e produções discursivas que aprofundam desigualdades sociais e violências. Assim, não há universalização possível entre a figuração de “Criança Prioridade Absoluta” que o ideal da política nacional voltada para a infância e juventude quer sustentar<sup>6</sup> e os dados apresentados pelo relatório produzido pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) que informa que, entre 2022 e 2024, o estado de São Paulo registrou um aumento de 120% no número de mortes de crianças e adolescentes em decorrência de intervenções policiais.<sup>7</sup> Diante de tais fatos, incide a pergunta: quais crianças são alcançadas pela determinação constitucional?

O relatório “As câmeras corporais na Polícia Militar do Estado de São Paulo (2a. edição): mudanças na política e impacto nas mortes de adolescentes” informa que o crescimento da letalidade policial entre 2022 e 2024 afetou de forma

---

6 Brasil. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 (Título VIII — “Da ordem social”, capítulo VII, art. 227).

7 Unicef & Fórum Brasileiro de Segurança Pública. (2025). *As câmeras corporais na Polícia Militar do Estado de São Paulo: Mudanças na política e impacto nas mortes de adolescentes* (2a ed.). Brasília: Unicef. Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/relatorios/cameras-corporais-na-policia-militar-do-estado-de-sao-paulo-2a-edicao>>.

desproporcional a população negra, incluindo crianças e adolescentes: “Entre crianças e adolescentes, a taxa de letalidade policial da Polícia Militar em serviço é de 0,33 para cada 100 mil pessoas brancas, enquanto para pessoas negras esse número sobe para 1,22 a cada 100 mil. Ou seja, crianças e adolescentes negros são 3,7 vezes mais vítimas de intervenções letais da Polícia Militar no estado do que os brancos”.<sup>8</sup> Esses dados impressionantes mostram que, apesar da determinação constitucional, vivemos num país em que há crianças que são *matáveis* porque as desigualdades de raça e classe não permitem que todas as crianças sejam prioridade absoluta. Muitas de nossas crianças, em uma experiência tão factual quanto contraintuitiva, são, elas também, *homo sacer*,<sup>9</sup> categoria que não exclui a infância na diversidade de sua possibilidade, mas que elege, a partir de marcadores específicos (como raça, classe, gênero e deficiência), algumas experiências entre as infâncias para a desproteção e para a negligência. Para elas, não se aplica nem o artigo 227, nem a constituição cidadã. Como formulou a diretora e fundadora da Redes da Maré, Eliana Sousa Silva: “A vulnerabilidade é uma consequência da negligência. A gente acaba classificando as pessoas como se fosse algo inerente a

---

8 Unicef. (3 abr. 2025). *Mortes de crianças e adolescentes por intervenção policial crescem 120% no estado de São Paulo entre 2022 e 2024*. Brasília: Unicef.

9 Agamben, G. (2014). *Homo sacer: O poder soberano e a vida nua*. Belo Horizonte: Editora UFMG.

elas, mas a vulnerabilidade destas pessoas não está no desejo delas, não está só na governabilidade delas”.<sup>10</sup>

O ponto fundamental é que, para driblar esse imenso problema político e social, é bastante comum que se diga, com alguma consternação, que crianças em situação de vulnerabilidade — essa vulnerabilidade que é construída por negligência estatal — são crianças que “não têm infância”. Quando fracassamos, individual ou coletivamente, produz-se uma série de torções perversas no nível do discurso que tenta apagar o fato, construindo o entendimento de que aquela criança que ficou desprotegida e sem acesso a direitos teve “a infância roubada”. Entre outras razões, isso permite que a idealização da infância, como categoria romantizada, permaneça intacta e sobreviva à experiência de crianças na geopolítica das infâncias: ao formular que a criança que não acessa direitos fundamentais “não tem infância”, sobrevive a concepção de infância como experiência naturalmente constituída e não contingenciada. Além disso, essa operação, ao reduzir o problema a casos isolados, a um descuido particular ou a um deslize da norma, atinge a governabilidade, impedindo o enfrentamento da dimensão coletiva e social da questão.<sup>11</sup>

---

10 Melo, K. S. S. (2021). Desigualdade, negligência, urgência, violência e potência na favela a partir da Covid-19: entrevista com Eliana Silva, fundadora da Redes da Maré, Rio de Janeiro. *Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*. Disponível em: <<https://www.reflexpandemia.org/texto-30>>.

11 Katz, I. (2022). Crianças que vivem a morte. *Trivium: Estudos Interdisciplinares*, ano XIV, 1(1), pp. 85-103.

Criança como método, ao tomar criança como objeto analítico crítico dos discursos de que participa, ainda abre para nós mais um nível de análise no necessário debate: o que a letalidade policial contra crianças e adolescentes denuncia? E o que encobre?

Desdobrando os dados do relatório supracitado, o aumento exponencial da letalidade policial contra crianças e adolescentes foi observado no mesmo período em que ocorreram mudanças nos protocolos de uso das câmeras corporais e em outros mecanismos de controle das forças de segurança do estado. Nesse contexto, a interrogação sobre o que causa o aumento do número de crianças e adolescentes mortos em operações policiais no estado de São Paulo ilumina o achado da pesquisa: o assassinato das 77 pessoas que contavam entre 10 e 19 anos no curso das intervenções policiais explicita a ausência do controle da polícia na relação com a população geral, não só de crianças.

Assim, ao propor Criança como o objeto-chave de análise do discurso, Criança como método permite elaborar sobre os modos de injustiça praticados na instituição e na prática desse mesmo discurso. A pactuação epistêmica oferece, ainda, instrumentos de reflexão e análise para enfrentar a ordinária resposta ao discurso complacente com a estruturação do capitalismo tardio que faz com que, em casos como esse, a injustiça seja praticada e sustentada em nome das crianças, fazendo com que a estrutura de poder que a tornou possível siga intacta.

É preciso que, desde o campo e os estudos das infâncias, estejamos em condição de criar obstáculos à instalação do discurso de “proteção às criancinhas” em detrimento do enfrentamento das questões estruturais que atingem todas as

formas de vida de um mesmo sistema. É a esse esforço que Criança como método nos convida, e é o que intencionamos transmitir com esta tradução.

Para encerrar, gostaríamos de agradecer às parcerias que possibilitaram a concretização deste trabalho. Em especial, à contribuição de Leonardo Lemos e do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Estadual Paulista (Unesp) de Assis; do Programa de Pós-graduação em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj), no qual Amana Mattos é professora permanente; e do Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica da Universidade de São Paulo (USP), no qual Ilana Katz foi pesquisadora de pós-doutorado, sob a supervisão de Christian Dunker. Destacamos e agradecemos a generosa parceria de Christian Dunker, professor titular do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP), amigo de longa data e interlocutor constante da autora, que, dessa posição, acompanhou cuidadosamente o tecimento dos laços e do campo de trabalho que tornaram possível a chegada deste livro ao Brasil. Agradecemos à interlocução com Luan Cassal e Artemis Christinaki, que enriqueceu este projeto, com destaque para a organização do Simpósio Criança como Método, em 2023, na Universidade de Manchester, e do dossiê “Child as method in movement: Work, action, subject”.<sup>12</sup> À parceria e amizade de Ian Parker. Agradecemos, ainda, ao trabalho editorial cuidadoso de Paulo Sérgio de Souza Jr. e às instigantes contribuições de

---

12 Cassal, L. & Christinaki, A. (2025). *Child as Method in Movement: Work, Action, Subject. Annual Review of Critical Psychology, 20*. Disponível em: <<https://discourseunit.com/arcp-20-child-as-method-in-movement-work-action-subject-2025/>>

Emiliano de Camargo David, Maria Aparecida da Silva Bento e Conceição Firmina Seixas Silva, que produziram os paratextos que apresentam o livro ao público brasileiro, enriquecendo esta edição. Por fim, nosso agradecimento caloroso a Erica Burman, pelo trabalho em colaboração, por sua abertura e generosidade ao longo deste projeto. Que Criança como método e sua obra façam casa também em nossa língua.

# **Fanon, educação, ação: rumo a Criança como método**

Este livro elabora as ideias e os escritos de Frantz Fanon para oferecer uma visão renovada do projeto de educação. Seu foco na ação põe em pauta questões de subjetividade (autoconhecimento, entendimento e mudança) que incluem, mas transcendem, os espaços formais e informais de aprendizagem para levar em conta o engajamento político. As ideias de Fanon são apresentadas como recursos centrais para abordar a análise das noções de infância e desenvolvimento, que aqui se denomina “Criança como método”. Embora os escritos de Fanon tenham suscitado ampla discussão dentro e fora das áreas educacionais, proponho que ainda não esgotamos a relevância de suas ideias e que, de fato, essa atenção renovada pode viabilizar um melhor enfrentamento — quando não a resolução — de alguns

problemas persistentes na teoria e na prática educacionais. Aqui, o foco na ação também sinaliza os compromissos ético-políticos que são tão claramente articulados nos escritos de Fanon voltados a confrontar a opressão e a forjar as condições subjetivas e sociais para a mudança e a transformação política. Criança como método apresenta-se como uma estratégia de leitura e visualização do que é — e do que poderia ser — a educação, que se alinha com a posição das pessoas marginalizadas e é construída a partir das ideias de Fanon, porém conectando-se também com as atuais discussões feministas, pós-coloniais e pós-humanas. Questões de resistência e transformação tanto pessoal quanto política são preocupações centrais que conduzem este livro. As descrições apaixonadas de Fanon acerca da alienação produzida pelas opressivas condições coloniais também incluem a discussão das condições para a — por ele chamada — “desalienação”. Essas ideias são retomadas na discussão de Criança como método como um projeto educacional anticolonial, descolonial<sup>1</sup> ou pós-colonial.

---

1 Apesar do frequente emprego do termo “decolonial” no Brasil de hoje, não custa entrever a problemática que seu uso desvela, minimamente em sua qualidade de decalque de línguas centrais como francês e inglês (*décolonial, decolonial*), de cujas bibliografias dimanam boa parte das teorias a esse respeito na direção de idiomas periféricos. Ademais, se por vezes o prefixo *de-* exprime um movimento de cima para baixo (como em “defluxo” e “decair”), ele também significa, muito produtivamente em língua portuguesa, um reforço ou intensificação (como em “decerto” e “demorar”). Optamos, portanto, pelo termo “descolonial”, perfeitamente sintônico ao uso da partícula no português brasileiro, bem como às traduções correntes de termos morfologicamente homólogos. Cf., entre outros: De Bona, C. & Nunes Ribeiro, P. (2018). Sobre a produtividade e a semântica do prefixo *des-* no português brasileiro atual. *DELTA*, 34(2), pp. 611-634 [N.E.].

## *A contribuição deste livro*

Esta é uma intervenção interdisciplinar ou transdisciplinar. Coloca os estudos educacionais em diálogo e debate com os estudos da infância, a teoria feminista e queer, os estudos pós-coloniais, a psicanálise e a teoria política. Por um lado, a mobilização desses recursos reflete minha própria trajetória desde a psicologia crítica do desenvolvimento até a educação, junto com uma sensibilidade terapêutica oriunda de minha formação como analista de grupo e meu presente trabalho formando psicoterapeutas. É a partir desse repertório, no entanto, que almejo indicar como a leitura de Fanon — paralelamente, por meio de e em relação a esses recursos — ajuda a levantar novas questões e convida a outras agendas de pesquisa. Como uma contribuição para a educação e a psicologia, este livro amplia a apreciação teórica e metodológica da relevância de Fanon no engajamento com questões centrais em torno da subjetividade e da mudança. Como contribuição para o campo mais abrangente — e extenso — dos estudos fanonianos, também oferece uma leitura crítica e sistemática das representações da infância feitas pelo autor. Esse enfoque não foi explorado previamente; assim sendo, a originalidade da intervenção deste livro funciona em — pelo menos — duas direções disciplinares. Em primeiro lugar, reafirmando a relevância de Fanon para a educação por meio de uma avaliação de seus repertórios sobre infância e, em segundo lugar, tomando seu texto e comentários associados como um campo exemplar para o questionamento da política pedagógica performativa mobilizada pela Criança. Assim, Criança como método amplia, atualiza e, em seguida,

avalia esse engajamento fanoniano, identificando também as implicações conceituais e metodológicas correspondentes.

Em particular, as leituras dos escritos de Fanon apresentadas aqui sublinham a importância de três pontos-chave. Em primeiro lugar, enfatizam os elos inextricáveis entre emoções e aprendizagem. Em segundo, enfatizam como o político inscreve o pessoal, embora de maneiras específicas e idiossincráticas — como indicam as histórias de casos de Fanon em *Os condenados da terra*,<sup>2</sup> doravante referido como *Os condenados*. Ao passo que muitos outros modelos atualmente em discussão — como a teoria sociocultural — também assumem esses compromissos, sugiro que os ler a partir de e com uma perspectiva fanoniana oferece alguns lampejos adicionais. Além disso, há um terceiro argumento, ou ponto, que diz respeito a como retóricas ou mobilizações de apelos às noções de criança — incluindo conceitos abstratos de “infância”, bem como discussões sobre crianças específicas — desempenham um trabalho ideológico particular e significativo que conecta as cenas educacionais com as políticas, e a psicologia individual com as políticas sociais. Os capítulos substanciais que compõem este livro identificam e avaliam a importância política das concepções complexas, múltiplas e mutáveis de Criança em jogo nos textos de Fanon, conectando-as a outros debates e cenas mais atuais. Cada capítulo explora uma problemática distinta (ou quadro conceitual distinto) e uma pedagogia da infância (ou abordagem para pensá-la e engajar-se com ela), conforme lida a partir e por

---

2 Fanon, F. (1961/2022). *Os condenados da terra* (L. F. Ferreira & R. S. Campos, trad.). Rio de Janeiro: Zahar.

meio dos textos de Fanon (e textos relacionados). Essas análises indicam que, mesmo que não possamos escapar totalmente da ideologia, podemos, no entanto, perceber o que está e onde ela está em ação.

Criança como método, como uma abordagem de matriz fanoniana, oferece uma metodologia analítica para ler a prática da Criança no âmbito da teoria social e política; ou seja, ela interroga as representações da — ou atributos associados à — infância e também, de modo correspondente, da Criança, como uma ferramenta analítica para melhor compreender essas coordenadas sociopolíticas. Como contribuição à teoria educacional, ela evita alguns dos problemas que acompanham o binômio agência-estrutura. Também oferece uma abordagem que é normativa — no sentido de estar politicamente alinhada — sem ser normalizadora. Como método, e não como teoria (ou mesmo metateoria), seu foco no processo evita os limites (ou o que Fanon chamaria de problemas “reacionais”) de compromissos utópicos. Essa posição utópica de domínio, que os argumentos foucaultianos<sup>3</sup> demonstraram limitar possibilidades futuras, também se reflete em seu processo. Proponho que a adesão de Fanon ao que ele chamou de método das “falhas”<sup>4</sup> traz uma crítica psicanaliticamente informada dos limites da certeza e do saber para o projeto de pedagogia educacional, ou teorias de ensino e aprendizagem. Esse projeto cumpre suas aspirações

---

3 Ferguson, K. E. (1991). Interpretation and genealogy in feminism. *Signs: Journal of Women in Culture and Society*, 16(2), pp. 322-339.

4 Fanon, F. (1952/2008). *Pele negra, máscaras brancas* (R. da Silveira, trad.). Salvador: Edufba, p. 38.

democratizantes ao se recusar a oferecer prescrições autoritárias, bem como ao antecipar a ética da humildade e da reflexividade indicativa das atuais abordagens educacionais pós-coloniais.<sup>5</sup> Ou seja, repudia-se a posição paternalista (colonial) de saber o que é melhor, ou até mesmo de prognosticar. Como observou Gordon, o compromisso de Fanon com as “falhas” oferece um “sociodiagnóstico”: “O diagnóstico social das falhas em um mundo colonial e antinegro se baseia na capacidade humana de construir um mundo simbólico que transcende, ao menos na construção do significado, as redutoras forças biológicas e outras forças naturais”.<sup>6</sup> Nesse sentido, embora possa parecer imprudente e presunçoso mobilizar e engajar Fanon para esse propósito aparentemente menor de explorar sua relevância como recurso para os debates sobre infância e educação — embora essa teoria “menor” seja talvez uma descrição especialmente relevante de algumas teorias atuais sobre infância<sup>7</sup> —, faço isso com um compromisso fanoniano com as “falhas” produtivas e com uma crítica reflexiva que permanece aberta e gera possibilidades outras (e de outros). De fato, Gordon postula que a abordagem que Fanon faz das “falhas” é profundamente

---

5 Andreotti, V. (2011). *Actionable postcolonial theory in education*. Basingstoke: Palgrave; Connell, R. (2014). Using southern theory: decolonizing social thought in theory, research and application. *Planning Theory*, 13(2), pp. 210-223.

6 Gordon, L. R. (2011). Requiem on a life well lived: In memory of Frantz Fanon. In N. Gibson (org.). *Living Fanon: global perspectives*. New York: Palgrave, p. 18.

7 Cf. Deleuze, G. & Guattari, F. (1980/1995-1997). *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia* (Vols. 1-5; A. Guerra Neto et al., trad.). São Paulo: Ed. 34; Hickey-Moody, A. (2012). Deleuze's children. *Educational Philosophy and Theory*, 45(3), pp. 272-286.

indicativa de um compromisso ético-político que ironiza sua própria posição como sujeito e analista de seu texto:

O tema da falha levanta, mais ainda, a questão do *tipo* de texto que Fanon compôs e como o autor se situa em relação a esse texto. O que descobrimos é que nem toda falha é necessariamente de Fanon, pois ele é tanto a voz do texto (o negro) quanto a voz sobre o texto (o teórico e guia). Fanon, o crítico dos discursos ocidentais sobre o Homem; Fanon, o teórico revolucionário que exige mudanças sistêmicas e sistemáticas, é bem-sucedido (pela identificação de cada falha). Paradoxalmente, se o herói do texto vence (ou seja, alcança seus objetivos), o herói do pensamento (o teórico) fracassa, e vice-versa.<sup>8</sup>

Essa abordagem das “falhas” é, portanto, tanto metodologia quanto pedagogia, o que, como veremos, inspira a prática clínica de Fanon, bem como suas orientações teórico-políticas. Ela inspira seu repúdio contundente a essencialismos de todo tipo (especialmente aqueles que atendem a posições racializadas), evidentes ao longo de seus escritos, e seus argumentos apaixonados contra determinismos históricos — tanto políticos quanto pessoais — são aqui tomados como recursos para inspirar discussões recém-surgidas sobre pedagogias de solidariedade.<sup>9</sup> Essas pedagogias de solidariedade de matriz fanoniana não se

---

8 Gordon, L. R. (2015). *What Fanon said: a philosophical introduction to his life and thought*. New York: Fordham University Press, p. 25; grifo do autor.

9 Gaztambide-Fernández, R. A. (2012). Decolonization and the pedagogy of solidarity. *Decolonization: Indigeneity, Education & Society*, 1(1), pp. 41-67.

baseiam em histórias ou identidades do passado, mas são, ao contrário, forjadas por meio de relações de engajamento mútuo atualmente negociadas e renegociadas. Crucialmente, e é aqui que o questionamento do trabalho feito por meio da mobilização da Criança é tão importante, tais perspectivas tanto dependem quanto promovem a análise crítica dos objetivos e propósitos do desenvolvimento, seja do desenvolvimento da Criança ou do indivíduo, ou social e nacional. Em termos filosóficos, ao refletir as análises de Fanon, a teleologia é então problematizada, e sua simbolização, ou mesmo personificação,<sup>10</sup> por meio da Criança, torna-se uma questão de explorar ou de melhor diagnosticar nossas condições atuais, em vez de naturalizá-las.

### *Uma importância mais ampla para a teoria educacional*

Este livro é dedicado a pensar com — e não a fazer uma exegese do pensamento de — Fanon por meio de uma leitura feminista calcada nos estudos da infância. Os textos de Fanon são aqui considerados tanto recursos analíticos quanto recursos para análise por meio de Criança como método. Ou seja, eles são ferramentas intelectuais inspiradoras e espaços exemplares para o questionamento crítico. Trata-se de algo significativo por dois motivos. Em primeiro lugar, em relação aos contextos anglófonos, Fanon retorna ao centro do pensamento educacional de uma forma que é em grande parte inédita para o debate

---

10 Steedman, C. (1995). *Strange dislocations: childhood and the idea of human interiority, 1780-1930*. London: Virago.

educacional dominante na Grã-Bretanha — diferentemente da América do Norte, onde os escritos de Fanon há muito tempo figuram no conteúdo curricular. Em segundo lugar, este livro é um complemento à atenção que há muito tempo a América do Norte dedica a Fanon e que, em grande medida, tem se ocupado de questões relacionadas à alienação e ao desinteresse entre estudantes pertencentes a grupos minoritários. Em terceiro lugar, conforme explicado no Capítulo 6,<sup>11</sup> também mediante o envolvimento com uma teoria crítica mais abrangente e com argumentos inspirados pelos estudos descoloniais e pós-coloniais contemporâneos, ele contribui para a cena internacional de estudos educacionais, de modo que Criança como método é um recurso psicológico e educacional que faz paralelo à análise recente de *Asia as method* [Ásia como método]<sup>12</sup> e *Border as method* [Fronteira como método].<sup>13</sup>

A leitura fanoniana empreendida aqui (cujo estatuto é discutido mais adiante), embora fundamentada nos debates mais amplos em torno da contribuição de Fanon, é, sem dúvida, parcial e orientada para um enfoque muito específico sobre a relevância da subjetividade e da mudança para os pedagogos sociais e especialistas da área educacional. Fanon surge como

---

11 E, através de uma lente diferente, em: Burman, E. (2018). *Child as method: anti-colonial implications for educational research*. *International Studies in the Sociology of Education*, 28(1), pp. 4-26.

12 Chen, K. H. (2010). *Asia as method: towards deimperialization*. Durham: Duke University Press.

13 Mezzadra, S. & Neilson, B. (2013). *Border as method*. Durham: Duke University Press.

um teórico da educação a ser colocado como analista de práticas educacionais no mesmo patamar de Pierre Bourdieu, Michel Foucault e Paulo Freire. Assim, entende-se que a educação funciona como um modo de regulamentação, estratificação e pacificação social, mas também é considerada central para a restauração das capacidades criativas e, consequentemente, para a luta emancipatória. Claramente, essa não é a única maneira de ler e se valer da escrita de Fanon. Ao contrário, aqui a forma como ela é tratada traz uma contribuição específica ao conectar as preocupações educacionais vigentes com as da teoria crítica e dos debates pós-coloniais de maneiras que se informam mutuamente. Além disso, até onde tenho conhecimento, nenhum estudo realizado anteriormente fez uma leitura sistemática de Fanon dando atenção específica à importância de suas conceitualizações da infância.

### *Situando e avaliando os argumentos*

Ao situar aqui minhas alegações, devo delinear quatro considerações. Em primeiro lugar, conforme revisado a seguir, enquanto outras comentadoras e comentadores identificam várias periodizações e tematizações nos escritos de Fanon, que também refletem épocas e locais específicos de recepção e interpretação, minha leitura aqui também não pode deixar de ser uma “história do presente”, para usar a formulação foucaultiana, que, nas palavras de Roth, é “um campo autoconsciente de relações de poder e luta política”.<sup>14</sup> Ou seja, ela é, necessa-

---

14 Roth, M. (1981). Foucault's 'history of the present'. *History and Theory*, 20(1), p. 32.

riamente, ao mesmo tempo enquadrada por e orientada para as preocupações de minhas próprias posições geográficas, disciplinares e políticas. Em particular, ela visa explorar o que uma leitura das conceitualizações de Fanon acerca das crianças e das representações da infância tem a oferecer, tanto para os estudos da infância e da educação quanto para a avaliação do estado da obra e da contribuição do próprio Fanon.

Assim, em segundo lugar, esse projeto tanto inspira quanto é analiticamente fundamentado em uma elaboração mais sistemática das pressuposições analíticas e metodológicas mobilizadas por meio da abordagem aqui discutida — conforme delineado neste capítulo e no Capítulo 6 — como Criança como método.<sup>15</sup> Esse projeto decorre de um compromisso mais duradouro com a exploração do trabalho realizado em práticas sociopolíticas por meio do apelo a noções de infância, ou o que pode ser chamado de tropo ou figura da criança,<sup>16</sup> que eu já havia rastreado anteriormente em discursos de assistência e desenvolvimento,<sup>17</sup>

---

15 Ver também: Burman, E. (2018). Child as method: anticolonial implications for educational research. *International Studies in the Sociology of Education*, 28(1), pp. 4-26.; Burman, E. (2008). Resisting the deradicalization of psychosocial analyses. *Psychoanalysis, Culture & Society*, 13(4), pp. 374-378; Burman, E. (2016). Fanon and the child: pedagogies of subjectification and transformation. *Curriculum Inquiry*, 46(3), pp. 265-285.

16 Castañeda, C. (2002). *Figurations: child, bodies, worlds*. Durham/London: Duke University Press.

17 Burman, E. (1994). Innocents abroad: projecting Western fantasies of childhood onto the iconography of emergencies. *Disasters: Journal of Disaster Studies and Management*, 18(3), pp. 238-253; Burman, E. (2018). Child as method: anticolonial implications for educational research. *International Studies in the Sociology of Education*, 28(1), pp. 4-26.

modelos psicológicos,<sup>18</sup> cultura popular,<sup>19</sup> mas também nos escritos de outros importantes teóricos sociais, como Walter Benjamin e Jean-François Lyotard.<sup>20</sup> Este último antecipa a discussão mais aprofundada sobre infância, modernismo e modernidade empreendida por Caselli<sup>21</sup> e também é inspirado por discussões críticas mais amplas sobre desenvolvimento.<sup>22</sup> Criança como método é uma proposição analítica de pesquisa, ou um conjunto de proposições conceituais, que apresenta uma perspectiva sobre e convida meios de trabalhar com questões de pesquisa específicas, em vez de prescrever procedimentos ou tópicos específicos. No entanto, assim como o trabalho de Fanon (e daí o seu alinhamento com este), está enquadrado em um conjunto de compromissos que visam transcender as particularidades disciplinares e metodológicas, incluindo as decorrentes de nacionalismos metodológicos,<sup>23</sup> cujos limites

---

18 Burman, E. (2017). *Deconstructing Developmental Psychology*. London: Routledge.

19 Burman, E. (2012). Deconstructing neoliberal childhood: towards a feminist antipsychological approach. *Childhood*, 19(4), pp. 423-438.

20 Burman, E. (1998). Pedagogics of post/modernity: the address to the child in Walter Benjamin and Jean-Francois Lyotard. In K. Lesnik-Oberstein (org.). *Children in culture: approaches to childhood* (pp. 55-88). New York/London: Macmillan.

21 Caselli, D. (2016) Attack of the Easter bunnies: Walter Benjamin's Youth Hour. *Parallax*, 22(4), pp. 459-479.

22 Nandy, A. (1984). Reconstructing childhood: a critique of the ideology of adulthood. *Alternatives*, 10(3), pp. 359-375; Escobar, A. (2000). Beyond the search for a paradigm? Post-development and beyond. *Development*, 43(4), pp. 11-14; Sachs, W. (org.) (1992). *The development dictionary: a guide to knowledge as power*. London: Zed.

23 Chernilo, D. (2008). *A social theory of the nation-state: the political forms of modernity beyond methodological nationalism*. London: Routledge.

estão cada vez mais atraindo comentários críticos no âmbito dos debates sobre educação transnacional.<sup>24</sup> Cada capítulo deste livro é resultado de uma análise específica voltada para determinadas questões de pesquisa, e incluo mais detalhes sobre a lógica dessas questões e como a análise foi empreendida.

Após reconhecer esse posicionamento, em terceiro lugar, devo, no entanto, elucidar que as análises apresentadas neste livro resultam de um profundo engajamento sustentado ao longo de todo o *corpus* de escritos de Fanon (embora não exatamente todos, mas, ainda assim, não se concentrando em apenas um único texto), além dos extensos comentários e discussões sobre eles. De modo talvez fortuito, meu próprio engajamento histórico seguiu a ordem cronológica da escrita de Fanon, de tal forma que as sequências e os desdobramentos de temas-chave ao longo de seus textos ficaram muito evidentes.<sup>25</sup> Espero que isso tenha, ao menos até certo ponto, limitado o tipo de efeito que Lazarus identificou nas leituras de Bhabha — como trabalhar de *Os condenados* para trás e, assim, negligenciar não apenas como *Pele negra, máscaras brancas* (doravante *Pele negra*) fundamentalmente abriu caminho para tal, mas também fazer uma leitura equivocada dos compromissos políticos de

---

24 Dale, R. & Robertson, S. (2009). Beyond methodological 'ISMS' in comparative education in an era of globalisation. In R. Cowen & A. M. Kazamias (org.). *International Handbook of Comparative Education* (pp. 1113-1127). New York: Springer; Shahjahan, R. A. & Kezar, A. J. (2013). Beyond the 'National Container': addressing methodological nationalism in higher education research. *Educational Researcher*, 42(1), pp. 20-29.

25 Nisso, concordo com a leitura de Gendzier, I. (1973). *Frantz Fanon: a critical study*. New York: Pantheon Books.

Fanon.<sup>26</sup> Ademais, a lógica da ordenação dos capítulos reflete a forma como leio o desenrolar dos próprios argumentos de Fanon, primeiro pela simultânea mobilização, mas também crítica da psicanálise no Capítulo 2 (“Criança Idiótica”), para considerar seu relato que transmite a “miséria do negro. Tátil e afetivamente”<sup>27</sup> no Capítulo 3 (“Criança Traumatogênica”). O Capítulo 4 (“Criança Terapêutica”), no entanto, passa a considerar como Fanon lida com a “mancha” do trauma — político e existencial — e da desumanização, levando em conta seu trabalho clínico. O Capítulo 5 (“Criança Extímica”) considera Criança como parte — e não como extirpada — da ordem social, incluindo como isso também corresponde aos engajamentos posteriores e explicitamente políticos de Fanon.

Versões prévias desses capítulos também se beneficiaram de retornos críticos e participativos sobre apresentações e publicações anteriores nas quais este livro se baseia, mas para o qual foram substancialmente revisados, reelaborados e ampliados. Embora seja impossível alegar um domínio completo da vasta literatura sobre Fanon, bem como fazer aqui uma revisão de toda ela, é importante ao menos observar que visei me dedicar àquilo que, dadas as minhas próprias limitações linguísticas, intelectuais e temporais, fui capaz de acessar dos estudos acadêmicos criteriosos sobre Fanon. Talvez essa seja uma observação desnecessária, mas eu diria que o tratamento

---

26 Lazarus, N. (1993). Disavowing decolonization: Fanon, nationalism, and the problematic of representation in current theories of colonial discourse. *Research in African Literatures*, 24(4), pp. 69-98.

27 Fanon, F. (1952/2008). *Pele negra, máscaras brancas* (R. da Silveira, trad.). Salvador: Edufba, p. 86.

que dou aqui é contrastante com muitos trabalhos — incluindo alguns textos didáticos — que meramente incluem alusões ou breves citações de Fanon, sem um envolvimento crítico ou mais aprofundado com suas ideias. Como observa Robinson, em uma avaliação que, em outros aspectos, é crítica a respeito de como Fanon trata classe lado a lado como raça, “é de uma presunção deselegante empregá-lo meramente como um artifício de fundo”,<sup>28</sup> e pode-se observar com frequência o que Alessandrini descreve como “simplesmente invocar seu nome como forma de evitar uma análise mais detalhada”.<sup>29</sup>

Esse envolvimento contínuo também é importante, dadas as alegações, por vezes imprecisas e até potencialmente irresponsáveis, feitas sobre e a partir dos escritos de Fanon, talvez informadas por sua biografia. A discussão de Batchelor<sup>30</sup> sobre a alegação de Homi Bhabha, no prefácio à edição em língua inglesa<sup>31</sup> de *Os condenados*, de que Fanon exerceu influência direta sobre o movimento republicano irlandês, cujo “espírito incendiário [...] ateou fogo às paixões do IRA”, é apenas um exemplo — extremo, talvez.<sup>32</sup> O fato de se ter feito um trabalho

---

28 Robinson, C. (1993). The appropriation of Frantz Fanon. *Race & Class*, 5(1), p. 79.

29 Alessandrini, A. (1997). Whose Fanon? *Minnesota Review*, 48(9), p. 241.

30 Batchelor, K. (2017). The translation of *Les Damnés* into English: exploring Irish connections. In K. Batchelor & S. Harding (org.). *Translating Frantz Fanon across Continents and Languages* (pp. 40-75). New York: Routledge.

31 Bhabha, H. (2004). Framing Fanon. In F. Fanon (1961/2004). *The Wretched of the Earth* (R. Philcox, trad.). New York: Grove Press.

32 Bhabha, H. (2004). Framing Fanon. In F. Fanon (1961/2004). *The Wretched of the Earth* (R. Philcox, trad.). New York: Grove Press, citado por Batchelor, K. (2017). The translation of *Les Damnés* into English: Exploring Irish connections.

tão meticuloso para avaliar — e, nesse caso, comprovar quão substancialmente infundadas são — essas afirmações é um testemunho do valor dos estudos acadêmicos críticos, mesmo que Batchelor<sup>33</sup> se esquive da posição ativista atribuída a outras pessoas que se dedicam aos estudos fanonianos, como Gibson. Tais estudos também salientam como a recepção de um teórico fundamental como Fanon é uma avaliação tanto de quem o lê e de sua respectiva época quanto dos seus escritos.

No entanto, em quarto lugar, é preciso elucidar desde o início que a análise aqui, que também corresponde à minha leitura, não é desprovida de críticas a Fanon. Como muitas outras pessoas que os leem, considero seus escritos tão frustrantes quanto provocativos e inspiradores. Sua profundidade analítica é frequentemente irregular, e as variações e reformulações ao longo e no interior de textos isolados permitem interpretações inconsistentes e, às vezes, contraditórias. Isso é o que leva Gates a descrever seus escritos como “altamente porosos”, de modo que “Frantz Fanon, sem querer ser demasiado incisivo, é uma mancha de Rorschach com pernas”<sup>34</sup> Esses envolvimentos e apropriações seletivos não são necessariamente um problema se forem devidamente reconhecidos. Por isso, descreverei a seguir qual — versão de — Fanon estou lendo aqui e por quê.

---

In K. Batchelor & S. Harding (org.). *Translating Frantz Fanon across Continents and Languages*. New York: Routledge, p. 55. Na verdade, a autora sugere que Che Guevara seria um candidato mais plausível para esse papel.

33 Batchelor, K. (2017). Introduction: histoire croisée, microhistory and translation history. In K. Batchelor & S. Harding (org.). *Translating Frantz Fanon across Continents and Languages* (pp. 1-17). New York: Routledge.

34 Gates, H. L. (1991). Critical Fanonism. *Critical Inquiry*, 17(3), p. 458.

Mas, antes, há uma questão mais ampla a ser levantada sobre essas críticas. Vale a pena lembrar que Fanon não era um acadêmico profissional, mas um estudante de Medicina e, posteriormente, um psiquiatra formado que escrevia para entender seu lugar no mundo e que uso poderia dar a ele — na verdade, como será discutido mais adiante, Gendzier o vê envolvido em um “programa de autoeducação”.<sup>35</sup> Sob essa perspectiva, talvez seja mais compreensível o fato de Fanon transitar entre disciplinas e questões, por vezes se envolvendo com o cânone filosófico europeu (Freud, Nietzsche, Hegel, Sartre) e, em outros momentos, repudiando-o. Nesse sentido, poderíamos interpretar as frustrações de comentadoras e comentadores com essa falta de “rigor” formal acadêmico como um reflexo dos nossos próprios e específicos investimentos institucionais e da (de)marcação de fronteiras disciplinares. É preciso, no entanto, reconhecer que, apesar de sua fecundidade, alguns aspectos do entendimento político de Fanon são nitidamente limitados, pois se enquadram em um momento histórico específico, sem qualquer previsão do que estava por vir. A representação das mulheres e do (hetero)sexual sobressai aqui como um exemplo fundamental, embora as teóricas feministas e queer tenham encontrado maneiras de reinterpretar suas ideias para sustentar um envolvimento mais profundo.<sup>36</sup>

---

35 Gendzier, I. (1966). Frantz Fanon: in search of justice. *Middle East Journal*, 20(4), p. 535.

36 Khanna, R. (2004). *Dark continents: psychoanalysis and colonialism*. Durham: Duke University Press; Pellegrini, A. (2008). What do children learn at school? Necropedagogy and the future of the dead child. *Social Text*, 26(4), pp. 97-105; Wane,

**Burman analisa e organiza as contribuições de Fanon no campo da educação, ressaltando o foco na criação de espaços descolonizados que favoreçam e fortaleçam a resistência em vez de puni-la. Fazer resistência ao mundo em vez de se adaptar a ele.**

**Manter uma posição dócil e contida para a criança ajuda a tornar os adultos igualmente dóceis e, portanto, menos capazes de questionar as “verdades” recebidas, particularmente em questões de raça e gênero.**

**Nesse sentido, Fanon surge como um teórico da educação que a reconhece como um modo de regulamentação, hierarquização e adaptação social, mas com potencial para restaurar as capacidades criativas e a luta emancipatória.**

**Cida Bento**



**pequena  
biblioteca  
invulgar**

ISBN 978-85-212-2677-2



9 788521 226772



[www.blucher.com.br](http://www.blucher.com.br)

**Blucher**



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

## Fanon, educação, ação

Criança como método

---

Erica Burman

ISBN: 9788521226772

Páginas: 544

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2025

---